



Discutindo sobre Amazônia na Sala de Aula com Discentes da UEPA

Cintia Cardoso da Silva ¹
Stéffani dos Santos Mendonça ²
Izilda Nazaré de Almeida Cordeiro ³

RESUMO

O presente trabalho é o relato de experiência de uma oficina aplicada na Universidade do Estado do Pará, no qual teve como temática discussões sobre a Amazônia e à docência no cenário nortista, a partir de práticas pedagógicas que trabalhavam metodologias de como abordar essa questão em sala de aula. A oficina foi aplicada com discentes de diferentes cursos na semana de formação da Brinquedoteca Carlos Coimbra/UEPA. O trabalho teve como objetivo trazer uma reflexão sobre os saberes e conhecimentos que os discentes tinham sobre a Amazônia e o repensar uma prática pedagógica em sala de aula capaz de promover a valorização de saberes e da cultura amazônica através de práticas de leitura de textos. A metodologia da pesquisa ação esteve dividida em três momentos sendo: atividade de acolhimento, discussão e despedida. Como resultados verificamos as várias percepções que os participantes tinham sobre Amazônia, os mitos e saberes e práticas que eles trazem de suas famílias, mas principalmente o quanto se sentem afastados de suas origens amazônica e como sentem dificuldade em trabalhar essa discussão com seus alunos.

Palavras-chave: Amazônia. Práticas Pedagógicas. Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da Amazônia se fazem presentes no contexto atual, considerando as recentes e necessárias questões que envolvem não somente aspectos ambientais, mas também características da sua população e cultura. Esses debates se tornaram cada vez mais frequentes no contexto da pós-modernidade, superando antigos

¹ Cintia Cardoso da Silva do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará - UEPA, cintyacardoso79@gmail.com;

² Stéffani dos Santos Mendonça do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará – UEPA, steffanis_07@hotmail.com;

³ Izilda Nazaré de Almeida Cordeiro graduada em Letras pela Universidade da Amazônia – UNAMA, especialista em Leitura e Produção de Texto pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC, mestre em Educação com Ênfase Gestão Educativa pela Uiniversidad Católica Nuestra Senora de La Asunción, izildacordeiro55@gmail.com



mitos e estereótipos sobre a Amazônia, questões que vem sendo quebrados e ampliadas suas percepções.

Quando se discute a temática da Amazonia, Gonçalves (2015) mostra que “Não há uma Amazônia, mas várias. Não há, conseqüentemente, uma visão verdadeira do que seja a Amazônia.” (p.16). Diante disso, podemos dizer que essa visão perpassa por diferentes percepções, considerando a visão do autor: a do colonizador que vê o povo e a cultura amazônica como inferior; uma do brasileiro que vê a Amazônia como berço de recursos naturais; e um olhar de quem vive fora da região que vê a Amazônia como local de lucro, entre outras visões que o autor defende em seu trabalho.

Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi de refletir sobre futuras práticas de discentes em formação que em breve estarão na sala de aula trabalhando sobre a temática da Amazônia. Diante disso, vê-se a importância de professores da região Norte se identificarem como sujeitos inseridos dentro do contexto amazônico e que devem propiciar essas vivências de representatividades com seus estudantes para que os mesmos constituam suas identidades regionais.

O artigo foi originado a partir da aplicação de uma oficina com base metodológica de pesquisa-ação, realizada no ano de 2019 na brinquedoteca Carlos Coimbra na Universidade do Estado do Pará. A metodologia foi dividida em três momentos: atividade de acolhimento, discussão e despedida.

A oficina que proporcionou mais também reflexão dos participantes tanto no que se refere a sua futura atuação como docentes, mas como a própria construção de suas identidades, refletindo sobre seus saberes e vivências que envolvem o seu contexto. O que descrevemos a seguir será a metodologia dessa oficina.

METODOLOGIA DA OFICINA

A oficina foi dividida em três momentos: atividade de acolhimento, discussão e despedida. O primeiro momento, pretendeu verificar os conhecimentos prévios dos participantes sobre a temática, o segundo momento pretendeu debater os conhecimentos dos participantes associados às ideias dos autores bases para o trabalho, além de promover atividades práticas que levassem a discussão. Por fim, o terceiro momento que se foi trabalhado uma atividade prática que promoveu uma fixação do assunto exposto. As atividades se deram da seguinte forma:



Atividade de acolhimento: *O que eu sei sobre Amazônia?*

Este momento teve como objetivo verificar os saberes que os participantes tinham sobre a temática Amazônia. Diante disso, estes foram indagados sobre o que é a Amazônia para si.

Neste instante, foi entregue caneta e um pedaço de papel onde se foi pedido para que representassem o assunto em uma palavra, onde foi construído um mural no qual foram provocados a explicar sobre o que foi solicitado. Posteriormente, foi distribuído uma folha de papel branco e lápis de cor, sendo solicitado que desenhassem suas visões da Amazônia no presente e futuro, logo após, foi solicitado que expusessem e explicassem aos outros participantes sobre suas interpretações.

Imagem (1) Atividade de acolhimento *Árvore dos Saberes*.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Imagem (2): Participantes escrevendo sobre suas percepções sobre a Amazônia.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019

Atividade de Discussão: *Lendo e Relendo, e construindo saberes.*

Nesse momento, foi trabalhada leitura tutorial das músicas “SAGA da AMAZÔNIA” do autor Vital Farias e o “XOTE ECOLÓGICO” de Luiz Gonzaga. Foi pedido para os participantes escutarem, lerem e analisarem as letras das músicas. No momento que os participantes estavam lendo, através do método leitura tutorial, que teve como passos: identificação do título, do que retrata o texto, como o que estava escrito se reflete na realidade; atrelando ao que já foi discutido anteriormente, foi estimulado práticas de letramento em textos que os participantes poderiam trabalhar em sala de aula e como a discussão dos textos poderiam estar conectadas a qualquer área de conhecimento por ser interdisciplinar.

Imagem (3): Momento de discussão com os participantes.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.



Atividade de Despedida: *Vamos contar... a AMAZÔNIA.*

Por fim, foi mostrado aos participantes a história “O Homem que Sujava Tudo” produzido por uma turma do ensino médio de uma escola pública, que foi utilizado como inspiração para os participantes produzirem uma história de intervenção para trabalhar com seus futuros alunos sobre a Amazônia e a partir disso, surgissem problemas. Diante disso, foi pedido para que os participantes se distribuíssem em trios, cada trio produziu uma história em uma folha de cartolina e depois reproduziu oralmente para todos os participantes.

Imagem (4): produção de história dos participantes.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Imagem (6): Apresentação dos resultados da produção.





Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Os participantes construíram as seguintes histórias: A primeira história foi a história de três crianças que aprendiam a respeitar o meio ambiente e que ensinaram a importância da educação ambiental para seus pais e amigos. A segunda história criada foi a de um dragão que representava o homem e destruíu tudo a seu redor, até que criou conscientização do seu meio ambiente e da floresta.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Amazônia quando discutida é sempre classificada como uma grande extensão de terra, com quilômetros de florestas e considerada um reservatório de biodiversidade, localizada na região Norte do Brasil. No entanto, atualmente vemos que as discussões sobre Amazônia vão muito além do que foi citado. Ela está inserida em meio a conflitos de interesse, problemas ambientais, resistência contra as formas de exploração na região, cultura e diversidade populacional.

Em grande parte das discussões sobre a Amazônia, percebe-se um olhar estereotipado sobre ela, onde podemos classificá-la de diferentes formas como mostra Souza e Mendonça (2014) :

“São diversos os estereótipos criados para região, os mais frequentes transparecem uma região vazia de população urbana, explorada e devastada, pulmão do mundo, homogênia, resistência e conflitos de terra, com grande população indígena e ribeirinha e constituída apenas por uma grande floresta, entre outros.” (p.7).

Até os próprios moradores da região norte sofrem com esse olhar, uma vez que, não se reconhecem pertencentes ao território amazônico como mostram na pesquisa dos autores citados feita com alunos da região de Belém: “Pensar a Amazônia como lugar distante, ou até mesmo não se reconhecer como morador da região amazônica é comum entre estudantes de Belém do Pará.” (p.1). Percebe-se que, se fortalece ainda a visão colonial da região norte amazônica.

No entanto, percebemos que é necessário quebrar com estereótipos, segundo mostra Munanga (2005) “Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo



prévio a uma ausência de real conhecimento do outro.” (p.24). Dessa forma, moradores da região de Belém apesar de pertencerem ao cenário amazônico, constituem em sua imaginação um perfil de morador da região em que não se auto reconhecem inseridos nessa realidade e reafirmam a ideia do morador da Amazônia como atrasado, exótico ou selvagem.

Nesse sentido, se faz necessário pensar em práticas que fortaleçam a identidade das populações que estão inseridas no cenário amazônico, para que elas se identifiquem como amazônidas e se façam presentes nas discussões sobre a região.

Segundo Leite (2018), “ A “identidade” apresenta-se como discurso construído a partir de um arcabouço heterogêneo de práticas sociais e culturais.” (p 31). Quando pensamos na identidade do povo que constitui o cenário amazônico, vemos que são sujeitos diversos com inúmeras vivências sociais e múltiplas culturas, apesar de inseridos no mesmo território. Temos os povos tradicionais, os extrativistas, os fazendeiros, agricultores, ribeirinhos, a população urbana e entre tantos outros grupos, que representam a pluralidade populacional da região. (LEITE, 2018).

A construção de uma identidade regional, ou seja, a identificação como pertencente a uma determinada região, se faz a partir de vivências históricas, sociais e culturais, não baseadas numa ideia de população igual contudo na diversidade dessa população como mostra Leite (2018) “Ao realizarmos referenciais as identidades regionais, não poderíamos tê-las como sendo unificadas, mas como “dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.” (p.32).

Entretanto, para se identificar como pertencente a região amazônica se faz necessário compreender o que é Amazônia. Segundo as autoras Souza e Mendonça (2014) entendem a Amazônia como:

(...) uma região heterogênea, complexa e diversificada, onde encontramos uma grande floresta que é rica em fauna e flora, com espécie encontradas apenas nos hectares da região, possuindo populações riberinhas e indígenas tradicionais, entre outras, uma imensa fonte de recursos naturais, além de oferecer saberes, mitos e lendas que ajudam a compor o cenário amazônico (...)
(p.3).



O autor Gonçalves (2015) aponta que “ A imagem que normalmente se tem a respeito da região amazônica é mais uma imagem sobre a região do que da região.” (p.12). A região é em sua maioria das vezes referida sobre o que ela têm e não sobre como ela é. Segundo o autor, isso se dá pela Amazônia ser vista desde o período colonial pelo olhar do colonizador, provocando estereótipos sobre o território e sobre sua população que comumente é caracterizados como punitivos.

Dessa forma, Leite (2018) reafirma as ideias apontando que para compreender a Região Norte do Brasil e o contexto amazônico é necessário refletir sobre sua “Relação com os objetivos geopolíticos e de exploração de recursos naturais da floresta amazônica, bem como o relacionamento com as comunidades tradicionais.” (p.36). Deve-se olhar a Amazônia como um todo, o que envolve seus conflitos, saberes, mitos, população e desenvolvimento à destruição.

De acordo com Andrade (2018), a Amazônia Com passar dos séculos está inserida em diferentes conflitos, dando destaque principalmente aos problemas ambientais que são expostos nos meios de comunicação em massa. A divulgação de informações fez com que as discussões sobre a Amazônia fossem ampliadas e fez com que surgisse e surge a cada dia diversos olhares sobre a Amazônia.

Nesse sentido, Gonçalves (2015) mostra que a visão de Amazônia pode mudar dependendo da percepção de diferentes sujeitos:

Assim, quando se fala de Amazônia é preciso estar atento para sabermos de que Amazônia estamos falando, tendo em conta que os diferentes agentes que atuam na região, ou por ela se interessam, tentam propor/impor a sua visão do que seja a verdade da região como sendo a verdade da região. (p.17).

Esses diversos olhares que se tem da Amazônia, Gonçalves (2015) mostra que “ Não há uma Amazonia, mas várias. Não há, conseqüentemente, uma visão verdadeira do que seja a Amazônia.” (p.16). Ou seja, dependendo da visão de determinado sujeito que pode está inserido no cenário ou fora dele a definição de Amazônia será outra.

A AMAZÔNIA E A EDUCAÇÃO

Quando pensamos na educação no cenário nortista vemos a necessidade de uma educação que discuta sobre o local, no qual muitas vezes não acontece como aponta Souza



e Mendonça (2014), onde os profissionais da própria região não estimulam essa mudança e continua fortalecendo visões estereotipadas sobre o cenário.

Segundo o autor Colombo (2014), propõe que os professores criem estratégias para levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos sobre a temática abordada, e que esta deve aproximar-se do seu cotidiano, associada a realidade do educando. Nesse sentido, é possível motivar que:

(...) o envolvimento e a participação ativa dos alunos como protagonistas em busca de soluções para os problemas ambientais apresentando-os através de atividades práticas que, sustentadas pela interdisciplinaridade, tornem-se significativas e superem a fragmentação do saber. (COLOMBO, 2014, p. 64).

Nesse sentido, Souza e Mendonça (2014) destacam que:

“O papel do professor é de fundamental importância nessa empreitada pelo conhecimento, pois através das suas habilidades e competências e de sua didática, será um agente esclarecedor, encontrando elementos no próprio cotidiano para facilitar o processo de aprendizagem.” (p.7).

Sendo assim, os autores mostram que a experiência educativa pode muitas vezes reduzir e questionar estereótipos sobre a região amazônica, se fazendo muito importante pensar como ela será discutida em sala de aula. A prática do professor é ferramenta essencial para a desconstrução sobre a temática e para a identificação do jovem nortista como pertencente do cenário amazônico, valorizando suas características e especificidades.

No entanto, vemos que muitas vezes os estudantes têm acesso as discussões sobre a Amazônia somente através da disciplina de Estudos Amazônicos sendo reconhecida pela Lei 9394/96 estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases (1996), no entanto, não é cumprida em todas as escolas, portanto, ocasionando no fortalecimento do desconhecimento sobre a região amazônica. A questão sobre a Amazônia não necessariamente deve ser discutida somente com o professor de Estudos Amazônicos, mas sim por todos os docentes.

Com isso, os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais – Meio Ambiente (BRASIL,1997) afirmam que o trabalho com as questões ambientais na escola ao contexto amazônico contribui para que os alunos adquiram o hábito de zelar pela



natureza e cumprir com suas responsabilidades de cidadão. Segundo os PCNS, a temática meio ambiente deve ser trabalhado com o objetivo de:

Contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidirem e atuarem na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida (...)” e o espaço escolar deve-se constituir como um dos grandes motivadores dessa formação cidadã, ou seja, deve “(...) contribuir para a formação da identidade como cidadãos conscientes de suas responsabilidades com o meio ambiente e capazes de atitudes de proteção e melhoria em relação a ele (...) (BRASIL, 1997, p. 187).

No entanto, os professores sentem dificuldades no ensino da temática e apesar de ser obrigatória no currículo, não é praticada na sala de aula. Diante disso, reflete nos próprios materiais didáticos que a escola utiliza, dando destaque ao livro diático, onde Leite (2018) afirma que “Os livros didáticos, ainda hoje, em grande parcela não abarca as necessidades de representação das regiões. O que acarreta dificuldade para desenvolver um trabalho pedagógico que contemple peculiaridades regionais.”(p.52).

Tendo em visto que, as dificuldades e necessidades deste ensino se faz necessário repensar a formação dos futuros professores, refletindo a temática e contextualizando seus problemas para as possíveis intervenções dos alunos através de práticas de Educação Ambiental.

Com isso, Carvalho (2008) afirma que, é fundamental a presença da Educação Ambiental no ambiente escolar para que os alunos e docentes adquiram uma nova “mentalidade ecológica”. Portanto, percebemos que a Educação Ambiental é tarefa de todos e o conhecimento é a base para essa mudança. Espera-se que o professor tenha acesso a uma formação adequada e seja comprometido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar o primeiro momento de acolhimento sobre as percepções dos participantes sobre a Amazônia, as seguintes palavras surgiram: *É vida, Cultura, Nossa Casa! Biodiversidade, Somos nós*. Percebemos que os participantes tinham diversas percepções sobre a Amazônia, o que já se era esperado, por isso o trabalho teve por base o texto *Amazônia, Amazônia* (GONÇALVES, 2015) onde mostra que a Amazônia é



repleta de percepções, no entanto, nenhuma delas é totalmente errada, mas depende do ponto de vista em que se está olhando.

Ao analisarmos estas palavras percebemos que os participantes ao pensar na Amazônia tinham a percepção de que eles estão inseridos nesse contexto, principalmente os que colocaram as expressões: “*É vida*”, visto que, ao explicar este participante fala que tem haver principalmente com a vida de todos que moram aqui no Brasil.

Vemos que essa ideia se repete com a outra fala que é “*Nossa Casa!*”, este participante compartilha de uma perspectiva de que a Amazônia seria o berço do mundo sendo a casa de todos os indivíduos e que todos deveriam cuidar.

Esta discussão aumenta quando um participante coloca que “*Somos nós*”, ela destaca que todos necessitam da Amazônia, uma vez que, a partir dela que vivemos uma determinada cultura, um determinado clima. No entanto, quando indagados caso se sentem pertencentes dessa ideia de Amazônia, os mesmos afirmavam que não e que no máximo se identificavam nortistas.

No entanto, o objetivo deste trabalho é de mostrar que quem é nortista também é Amazônia, visto que, nossa principal fonte de saberes, culturas e vida é estabelecida na Amazônia. Portanto, percebemos que, apesar dos participantes viverem na Amazônia, não se sentem parte dela.

Ao continuarmos, foi pedido para que retratassem em forma de desenho as suas visões do presente e do futuro da Amazônia, como resultados e discussões percebemos que os participantes tinham uma visão da Amazônia de abandono, desmatamento, queimadas, rendida ao capitalismo, ou como local subdesenvolvido, entretanto, outra parte viam a Amazônia como um paraíso demográfico, rica em árvores e sem moradias.

Percebemos que quando se discute a Amazônia no presente, ela é repleta de várias visões como a da exploração, mas também a do paraíso conhecida como “o berço do mundo”. No entanto, os participantes não citaram as culturas, os saberes, os trabalhos, a população, a luta de terras e entre muitos outros assuntos que representam e refletem o local. Ao citar essa percepção, os participantes ficaram surpresos de não terem pensado nesses pontos, mostrando que, apesar de fazermos parte da região, ainda temos uma visão colonizada.

A percepção que os participantes tinham de futuro se baseavam em ideias positivas, em que o homem refletiria sobre seus atos e que trataria melhor a natureza, para



assim a floresta se regenera. Dois participantes tiveram uma visão negativa perante o futuro no qual a ocupação do homem, o desmatamento e as queimadas são fatos que perpassa por décadas e que ainda vai persistir por anos.

Houve uma participante que viu o futuro da Amazônia com percepções além de floresta, mas como um local de seus habitantes: índios, ribeirinhos, camponeses, local de cultura, além do avanço da população nas cidades. Além disso, destacou-se a importância dos povos tradicionais como importante para se compreender o que é a Amazônia, uma vez que, a compreensão de Amazônia vai além de entender e conhecer a riqueza natural, mas valorizar seu território com seus diferentes grupos sociais e povos que estão inseridos nesse contexto.

O segundo momento na atividade de conhecimentos específicos, foi trabalhado a música “*A saga da Amazônia*” através de uma leitura tutorial com os participantes, onde a música foi analisada e surgindo as seguintes percepções dos participantes: a de que o povo nortista tinha perdido sua cultura, porque está havendo uma aculturação dos saberes tradicionais que vinham da Amazônia. Nessa discussão foi citada como exemplo a utilização da copaíba e da andiroba, frutos que são típicos da Amazônia e são utilizados desde os antepassados. Uma participante citou que estes só são valorizados pela juventude quando se torna um produto de cosmético, onde entra para a produção capitalista e industrial. Outro participante cita como a descaracterização da cultura amazônica prejudica a formação da identidade da população nortista.

No decorrer da discussão sobre o texto, os participantes citaram os acontecimentos de danos ambientais na região norte e como isso afetava a todos, percebendo que a preocupação e responsabilidade é de todos. Outro participante cita os danos que as hidrelétricas produzem para a população local, principalmente para as reservas indígenas, no entanto, quando pensamos na população indígena ela é vista como algo exótico e vendida em anúncios como uma população dócil e feliz, entretanto, esses povos vivem em conflitos e sofrimento por ser marginalizados.

Por fim, ao final da leitura uma das participantes falou que a Amazônia está em nossas ações por isso se fazendo importante a educação, não só ambiental, mas a educação da percepção de mundo, de onde estarmos e como podemos intervir em nosso contexto.

Imagem (7): discussões sobre a temática



Fonte: Arquivo Pessoal, 2019.

Após esse momento de discussão foi proposto que os participantes trabalhassem a temática na sala de aula a partir de práticas pedagógicas. Foram expostas algumas produções de professores como sugestão e eles escolheram a produção de histórias.

Nesse sentido, vemos que a oficina contribuiu significativamente para a formação dos discentes, mudando percepções que eles tinham sobre sua realidade social e seu pertencimento no contexto amazônico. Verificou-se a necessidade dessa discussão estarem presentes no contexto da sala de aula para explorá-lo no que se refere principalmente as práticas de leitura e escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa foi de suma importância para propiciar aos participantes novas percepções sobre si e de seu contexto social, e como ele deve está inserido na sua prática educativa. Nesse sentido, vemos a necessidade de promover um ensino que represente a verdadeira Amazônia, esta que é plural que resiste e r-existe com olhar crítico para que incentivem a população intervir nos conflitos, que valorize os saberes populares e que seja contra as práticas culturais e educativas hegemônicas.

O estudo pode concluir que a educação brasileira ainda é uma educação colonialista, os participantes possuem perpeções de senso comum sobre a região amazônica. Foi observado também que os saberes populares são desvalorizados e estão sendo esquecidos pela própria população da região.

Nesse sentido vemos a necessidade de uma educação que repense a figura da Amazonia que contextualize e utilize ela em sala de aula, em que professores



e alunos possam se sentirem contemplados no que se refere a sua cultura e identidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A **Amazônia além das florestas, dos rios e das escolas**: representações sociais e problemas ambientais. Revista Ambiental & sociedade, São Paulo: 2018.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997.

COLOMBO, Silmara Regina. **A Educação Ambiental como instrumento na formação na formação da cidadania**. São Paulo: RBPEC, 2014.

GONÇALVES, Carlos WalterP. **Amazônia, Amazônias** . Ed. 1- São Paulo: Contexto, 2015.

LEITE, GEANNE FERREIRO. **Representações indenitárias e efeitos discursivos do Norte- Amazônico em textos de livros didáticos na rede pública de porto velho/RO**. Porto Velho, RO, 2018.

MUNANGA, Kabengele. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed, Ministério da educação, secretaria de educação continuada. Brasília, 2005.

SOUZA, Lueni Pantoja. MENDOÇA, Paula de Lis Vieira. **Experiência Educativa e estereótipo regional Amazônico**: A percepção do que é Amazônia em escolas da cidade de Belém do Pará. 2014.

SOUZA, Lueni Pantoja. MENDONÇA, Paula de Lis Vieira. **Experiência educativa e estereótipo regional amazônico**: a percepção do que é Amazônia em escolas da cidade de Belém do Pará. 2014.